



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE MARÇO, DE 2026 - 21H00



A série “A Pantera Cor-de-Rosa” resulta de um conjunto de circunstâncias e de uma reunião de personalidades e de talentos invulgares, que transformaram uma normal comédia sem grandes motivos para perdurar na memória dos espectadores, num acontecimento cinematográfico a obrigar a contínuas sequelas. Desde 1964, data da estreia da primeira “Pantera”, até ao presente, vários foram os títulos que tiveram “The Pink Panther” e o inspector Closeau como referências, os primeiros cinco interpretados pelo seu genial criador, Peter Sellers, um aproveitando restos de filmagens e repetindo excertos de filmes anteriores, prolongando de forma anómala a presença de Peter Sellers, mesmo depois da sua morte em 1980, alguns ainda tentado recriar a personagem com outros actores (Alan Arkin, Roger Moore, Roberto Benigni ou Steve Martin, por exemplo),

com resultados quase sempre decepcionantes. A verdade é que a “Pantera Cor-de-Rosa” foi um fenómeno de público a que não se pode ficar indiferente, mas que será interessante estudar e tentar perceber sob vários prismas.

Blake Edwards é um dos grandes autores de comédia do cinema norte-americano das décadas de 60 a 80 (muito embora a sua actividade se tenha iniciado nos anos 50 e prolongado até à década de 90). Pode dizer-se que o seu primeiro grande sucesso é uma comédia romântica que presentemente funciona como ícone de uma época, “Breakfast at Tiffany’s” (Boneca de Luxo, 1961), a que se segue toda a série de “The Pink Panther” (A Pantera Cor de Rosa, 1963), iniciada com esse título, continuada por “A Shot in the Dark” (Um Tiro às Escuras, 1964), “The Return of the Pink Panther” (O Regresso da Pantera Cor de Rosa, 1975), “The Pink Panther Strikes Again” (A Pantera Cor de Rosa Volta a Atacar, 1976), “Revenge of the Pink Panther” (A Vingança da Pantera Cor de Rosa, 1978), “Trail of the Pink Panther” (Na Pista da Pantera Cor-de-Rosa, 1982), “Curse of the Pink Panther” (A Maldição da Pantera Cor-de-Rosa, 1983), todos com Peter Sellers. Entretanto, entremeadas com estas obras, Blake Edwards foi dirigindo outras grandes comédias, nas quais foi mantendo vivo o tom do “slapstick” e do burlesco que tanto sucesso conheceram durante o período do cinema mudo, com títulos como “The Great Race” (A Grande Corrida à Volta do Mundo, 1965), “What Did You Do in the War, Daddy?” (O Que Fizeste na Guerra, Paizinho?, 1966), “The Party” (A Festa, 1968) ou “S.O.B.” (Tudo Boa Gente!, 1981), ao lado de outras comédias mais sofisticadas, alternado entre a comédia romântica e a comédia musical: 1970: “Darling Lili” (Darling Lili); 1974: “The Tamarind Seed” (A Semente de Tamarindo); 1979: “10” (10 - Uma Mulher de Sonho); 1982: “Victor/Victoria” (Victor/Victória), 1983: “The Man Who Loved Women” (O Homem que Gostava de Mulheres) ou 1987: “Blind Date” (Encontro Inesquecível).

Mas Blake Edwards, apesar de se ter especializado particularmente em comédias, teve várias incursões por outros géneros, e quase sempre com resultados notáveis, o que deixa ficar a dúvida sobre o que teria sido a sua carreira, se mais



diversificada. “Days of Wine and Roses” (Escravos do Vício, 1962) é um ótimo melodrama social, retratando um casal de alcoólicos que iniciam uma descida aos infernos sem regresso; “Experiment in Terror” (Uma Voz na Escuridão, 1962) é um excelente filme de terror psicológico que mantém um clima de cortar à faca; “Peter Gunn”! (Peter Gunn, Detetive Privado, 1967) é um bom policial, que prolonga as aventuras do protagonista iniciadas na TV; “Wild Rovers” (Vagabundos Selvagens, 1971) é um western pouco comum, tentando renovar o género numa perspectiva moderna; “The Carey Treatment” (Um Caso de Urgência, 1972) aborda o universo hospitalar com alguma originalidade; e “That’s Life!” (A Vida é Assim!, 1986) mostra-nos um cineasta intimista e autobiográfico, servindo-se para tanto de um caso que se iria tornar premonitório em relação à sua mulher, a actriz e cantora Julie Andrews.

Blake Edwards tem ainda outras características a referir, sendo sobretudo de sublinhar a sua irreverência para com Hollywood e os seus métodos de produção, que o cineasta parodiou de forma agressiva por diversas vezes (sobretudo em “S.O.B.”, iniciais de “son of a bitch”).



A PANTERA COR-DE-ROSA (1963)

Em inícios da década de 60, Blake Edwards escreveu o argumento de “The Pink Panther” e procurou actores para darem corpo às personagens então esboçadas. Peter Ustinov foi inicialmente pensado para criar a personagem do inspector Jacques Clouseau, e teria a seu lado Ava Gardner. Peter Ustinov fora entretanto convidado para interpretar uma outra personagem célebre do mundo do crime, o detective Hercule Poirot, uma criação de Agatha Christie, e viu-se obrigado a declinar o convite para Clouseau. Seria Peter Sellers a aceitar o repto, de uma forma que ficou famosa nos bastidores da sétima arte: “Imagina, confidenciou a um amigo de longa data, Graham Stark, que vou filmar em Itália, com um realizador desconhecido, chamado Blake Edwards, e me vão pagar 90 mil libras.” O salário era bom na época para um actor inglês, mas o realizador não era desconhecido. O encontro de Blake Edwards e Peter Sellers iria marcar uma data para ambos e para a História do Cinema. Daí nasceria a série “A Pantera Cor-de-Rosa” e alguns outros trabalhos, como o fabuloso “The Party”, seguramente uma das melhores comédias dos últimos anos.

“A Pantera Cor-de-Rosa” seria uma obra que iria explodir em todas as direcções, de forma algo perturbante, dado que nem sequer é o melhor filme da série, nem sequer encerra algumas das suas características básicas. Marca, porém, o encontro de uma série de personalidades e marca igualmente o nascimento de figuras e situações que posteriormente se irão desenvolver de forma autónoma. Não só o encontro de Blake Edwards e Peter Sellers é decisivo. É-o também a reunião do compositor Henry Mancini e do director de animação Friz Freleng.

Tudo começa porque Edwards escreve uma paródia ao filme de detective que se destinava essencialmente a ser interpretada por um “ladrão de casaca” muito britânico que iria roubar um diamante célebre que era conhecido por “Pantera Cor-de-Rosa”. O ladrão seria interpretado por um actor então muito na berra, David Niven, que poucos anos antes ganhara o Oscar de melhor actor por um memorável papel em “Separate Tables” (1958), e depois disso aparecera num conjunto importantes de filmes, onde se podem destacar “Bonjour Tristesse” (1958), “Ask Any Girl” (1959), “Please Don’t Eat the Daisies” (1960), “The Guns of Navarone” (1961), “The Road to Hong Kong” (1962), “The Best of Enemies” (1962), “55 Days at Peking” (1963), “Bedtime Story” (1964) ou “Lady L” (1965). David Niven é, neste primeiro episódio da série, o protagonista, e Peter Sellers deveria ser um mero actor secundário, um inspector francês que andava do encalço do habilidoso ladrão.

Sem apresentar alguns dos contornos que o irão tornar uma figura tão popular junto das plateias de todo o mundo, neste primeiro filme da série o inspector Jacques Clouseau é casado com a bela e pérfida Capucine, que o atraiçoa de todas as formas e feitios, não possui ainda a invulgar pronúncia que o irá futuramente notabilizar, não tem como empregado Cato, o japonês com quem trava poderosos duelos de artes marciais, não tem como chefe o enlouquecido Dreyfuss, nem sequer se serve das muitas máscaras e disfarces que em obras seguintes se tornaram frequentes e uma das razões para alguns dos mais célebres gags e momentos de humor.

Curiosamente, “A Pantera Cor-de-Rosa” é um filme paradoxal: não sendo o melhor filme da série, é o que põe em funcionamento a engrenagem que irá despoletar toda a série; feito a pensar em David Niven, lança Peter Sellers; sem ser um filme de desenhos animados, tendo apenas um genérico assim concebido, como centenas de outras obras o têm tido ao longo da história do cinema, serve de veículo propulsor de uma série de animação autónoma que irá ter um sucesso monumental durante décadas. Digamos que a reunião de Blake Edwards, Peter Sellers, Henry Mancini e Friz Freleng neste filme desencadeou um conjunto de acções simultâneas, desenvolvidas em direcções diversas, mas tendo todas elas



como denominador comum as figuras de Jacques Clouseau e da pantera cor-de-rosa. São, portanto, duas criações brilhantes que se vão aprofundando à medida que a série vai evoluindo.

Em “The Pink Panther” a acção parte de várias cidades e tende a confluir num mesmo cenário em virtude das personagens se irem aproximando, vindas de diferentes partes do mundo. De Roma, de Hollywood, de Paris, da Cortina d’ Ampezzo. Quem não recorda “O Ladrão de Casaca”, de mestre Hitchcock? A princesa Dala possui um diamante belíssimo que o pai lhe ofereceu ainda em criança. Por outro lado, o inspector Clouseau, da Sureté parisiense procura um misterioso ladrão de joias que é conhecido pela alcunha de “Fantasma”, dado que ninguém o consegue apanhar. O ladrão é Sir Charles que se torna íntimo da princesa com fins inconfessáveis, depois de já ser íntimo da Senhora Clouseau, que não passa sem os seus favores sexuais. No meio disto tudo surge a figura do inspector, digno polícia de uma irreprimível conduta moral, lídimo representante da Ordem e da Lei que, apesar de atravessar as mais desencontradas situações, se mostra sempre imperturbável, procurando fazer reverter a seu favor até as desgraças que protagoniza. Quando se apoia num globo terrestre, é mais que certo que será projectado para o chão e, ao longo da sua caminhada por este filme insólito, irá tropeçar em bancos, enrolar-se em tapetes, não conseguir abrir portas abertas ou outras donde se soltam os puxadores, quando levanta um dedo inquisitorial, acaba por o enfiar no nariz de algum dos presentes, prende mãos em baldes de gelo, passa por cima de um Stradivarius, que destrói, e quando se apanha na cama, debaixo de lençóis, com a sua traçoeira mulher, não deixa mesmo de se banhar no champanhe de uma garrafa que se abre no momento menos propício.

Clouseau é a imagem do infortúnio, da tragédia ambulante, mas, em vez de se sentir infeliz com esta situação que se repete de minuto a minuto, o inspector parece passar por cima delas e ultrapassá-las com uma dignidade e bonomia perfeitas. Quem foi que disse que a pouca sorte persegue Clouseau? Nada disso. Quando no final, em lugar de prender o ladrão, acaba sendo levado para o calabouço, Clouseau tem uma resposta de mestre, que personifica bem a sua personalidade. Quando um polícia lhe pergunta, como afinal roubou tudo aquilo, Clouseau em lugar de negar, assume, mas sublinha o facto: “Acredite que não foi nada fácil.” Ladrão sim, mesmo injustamente condenado, mas ladrão em grande estilo.

Lauro António



A PANTERA COR-DE-ROSA

Título original: The Pink Panther

Realização: Blake Edwards (EUA, Inglaterra, 1963); Argumento: Maurice Richlin, Blake Edwards; Produção: Dick Crockett, Martin Jurow; Música: Henry Mancini; Fotografia (cor): Philip H. Lathrop; Montagem: Ralph E. Winters; Direcção artística: Fernando Carrere; Decoração: Reginald Allen, Arrigo Breschi, Jack Stevens; Guarda-roupa: Yves Saint-Laurent; Maquilhagem: Giancarlo De Leonardis, Amalia Paoletti, Euclide Santoli, Michele Trimarchi; Direcção de produção: Guy Luongo, Jack McEdward; Assistentes de realização: Ottavio Oppò; Som: Richard Carruth, Alexander Fisher, Gilbert D. Marchant; Efeitos especiais: Lee Zavitz; Companhia de Produção: Mirisch G-E Productions;

Com: David Niven (Sir Charles Lytton), Peter Sellers (Inspector Jacques Clouseau), Robert Wagner (George Lytton), Capucine (Simone Clouseau), Claudia Cardinale (Princesa Dala), Brenda De Banzie (Angela Dunning), Colin Gordon (Tucker), John Le Mesurier, James Lanphier, Guy Thomajan, Michael Trubshawe, Riccardo Billi, Meri Welles, Martin Miller, Fran Jeffries, etc. Duração: 113 minutos; Distribuição em Portugal (DVD): MGM / LNK / DVD; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 17 de Dezembro de 1964. Nielsen, Larry Pine, Julie Lund, Teri Black, John Dumanian, Phyllis Burdoo, Maurice Sonnenberg, Richard Mawe, Karla Wolfangle, Rob Besserer, Frank Wood, Ruth Laredo, Julie Halston, Anthony Sinopoli, Jesse Levy, etc.

Duração: 94 minutos; Classificação etária: M/12

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“UM PEIXE CHAMADO WANDA”, de Charles Crichton (1988)